ANO I — 25 DE JUNHO DE 1932 — N.º 20

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ANTONIO GOMES ROCHA ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRÁFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguêsa | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | Redacção, Administração, Composição e Impressão Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Pensemos no dia de Amanhã

Trataremos hoje de um assunto muito importante para a vida de uma nacionalidade, que é a protecção que pelo Estado e pelo particular deve ser dispensada ao trabalhador.

Este assunto transcendente e de alta importância para um povo, está em Portugal quási no estado embrionario. Embora algo se tenha feito, ha muito e muito que fazer.

Agora que se fala na nova Constituição Politica da Republica, julgamos oportuno o momento para dizermos algumas palavras sôbre a vida do povo trabalhador, tanto mais que no projecto da mesma Constituição se fala muitas vezes na Familia.

Antes porém de entrarmos no assunto, própriamente dito, pedimos licença para citar um facto presenciado por nós, que confirma de uma maneira iniludivel o velho adagio popular, que pertence á sabedoria das nações: *Vox populi, vox Dei*, que em português diremos «Voz do povo, Voz de Deus».

Quando ha dias, no Largo da Boa-Hora esperavamos o carro que nos havia de conduzir á nossa ocupação, verificámos que perto de nós passava um pobre velho, tipo de pedreiro, amparado por dois colegas seus. O velhote que quási não podia andar, soltava muitos gemidos, e da sua cabeça escorria bastante sangue. Dirigia se ao Hospital Militar. Procurámos saber do que se tratava. Havia sido um acidente de trabalho. O pobre velhote metia dó. Os seus poucos cabelos brancos iam cobertos de sangue, do sangue generoso dêste bom povo, dêste bom e querido povo tão abandonado de tudo e de todos.

Quando o triste cortejo de miséria passou por uma mulher do povo, que vinha em sentido contrário, esta olhando bem para o pobre velhote, disse-lhe com ar muito pesarôso:—«O' tio Manuel, como você vai! Coitado! Você já não tem idade para andar a trabalhar. Os homens da sua idade, com perto de setenta anos, já devem ter o direito de ficar em casa, com uma reforma por muito pequena que seja. Dessa idade devemos ficar em casa, descançando das fadigas da vida.»

O bom velhote nada respondeu, porque decerto não poderia falar, mas dos seus olhos caiam lágrimas aos borbotões. E nós, o jornalista, ficamos pensando na durissima verdade proferida por essa mulher do povo. De facto, um homem com perto de setenta anos, não deve ser empregado em serviços pesados, mas sim em trabalhos sedentarios, ou então mandado para sua casa, com um pequeno subsídio.

Numa sociedade devidamente constituida, deve o Estado empregar todos os esforços no sentido de que ao trabalhador, quando chegue a uma certa idade, seja estabelecido um subsidio que o ampare e o livre da fome.

Numa sociedade devidamente constituida, não pode nem deve permitir-se que um velho se empregue em serviços pesados.

Portugal tem os seus Seguros Sociaes Obrigatórios, para o caso de Acidentes de Trabalho. E' uma obra humanitaria, é mesmo uma bôa prova de solidariedade humana; pena é que os seus subsidios não tenham sido actualisados.

Mas... isso não chega. E' preciso proteger a velhice, a quadra da vida em que o homem mais necessita do amparo dos seus concidadãos, visto que normalmente — para vergonha nossa — os filhos depois de devidamente criados e educados, abandonam os seus progenitores aos acasos da vida.

Mas... deverá ser o Estado o unico a pensar nêsse problema tão importante, tão transcendente? Não.

E' preciso que nós, quando novos, na força da vida, pensemos no dia de amanhã. E' preciso que se reconheça o significado da palavra PREVIDENCIA.

E' preciso que o cidadão, quando no apogeu das suas faculdades, se lembre de que deverá atingir a velhice, e que necessita de amealhar alguns cobres para êsse tempo.

Em Portugal pouco ou nada se tem feito no sentido de amparar a velhice.

Os Asilos de Velhos e Inválidos, não resolvem o problema. E' preciso que a iniciativa particular devidamente auxiliada pelo Estado, consiga criar caixas de previdencia.

Mas... como poderá isso ser feito, se o operário está mal pago, e se muitas vezes não tem trabalho? pregunta-nos o visinho do lado.

(Conclue na página 3)

Se quereis fazer as vossas compras em bôas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercearia Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a titulo de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificades da verdade, que o seu proprietário agradece

A Favorita da Ajuda
DE
ANTONIO DIAS
147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA
Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros
Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS
VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS
206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA
Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

CRÓNICA MÉDICA

Doenças infecto-contagiosas

Sendo estas talvez as doenças que mais disseminadas se encontram sôbre a superficie da terra e para nós causadoras de grandes epidemias, se é que não teem caracter endemico, parece-nos justificado dedicar-lhes algumas palavras n'uma crónica médica embora sumaria, pois que mais espaço não ha para nos podermos espraiar á vontade como o assunto merece.

São assim designadas um grande numero de doenças, todas mais ou menos graves, não só pela doença em si, como pelos grandes perigos de contágio, pois muitas vezes apesar dos cuidados e das medidas higienicas tomadas, declarando-se um caso em qualquer parte, logo aparecem uma infinidade d'êles, uns após outros ou simultaneamente, entretendo a sua permanencia no logar e dando por vezes devastações tremendas na população.

Ora é precisamente por êstes factos que uma vez declarado um caso de doença infecto-contagiosa num local seja qual êle fôr, devemos lançar mão de um certo numero de precauções que a todos interessam e que nunca devem desprezar-se.

Primeiro que tudo é natural que se chame o médico para que êste possa debelar o mal desde a origem e libertar a família de um certo número de responsabilidades pelo menos moraes já que, outras não existem.

Sucede a meudo que quando aparece um caso de doença infecto-contagiosa numa família e se trata duma destas doenças banais que todos conhecem como por exemplo o sarampo, esta se desinteressa por completo do doente, umas vezes recorrendo a remedios caseiros como vulgarmente se lhes chama, outras vezes abandonando-o á mercê do tempo na esperança de a doença se curar por si, julgando que isso não têm importancia, até que um belo dia sobrevem uma complicação mais ou menos grave, que poderia bem ser evitada se o doente fôsse cuidado de início, e é nesta altura que a família corre aflita ao médico, ás vezes sem que êste possa fazer já alguma coisa de utilidade, e, dando-se o insucesso imprevisto, não atribuem as culpas a si próprios mas ao médico que tratou o doente, caluniando-o injustamente.

Feitas as prescrições clínicas que o caso impõe, devem seguir-se um certo numero de medidas profiláticas tendentes a evitar o contágio, e também outras ligadas ao próprio doente para evitar complicações por vezes temiveis que sobrevêm com frequência no decurso da sua evolução.

O doente deve ser colocado num quarto espaçoso e arejado, com uma temperatura mais ou menos uniforme, evitando as correntes de ar e uma iluminação exagerada, convindo antes que o quarto esteja em meia obscuridade, com as janelas semi-cerradas, o que traz uma certa calma para o doente, diminuindo assim o seu incómodo, como as dôres de cabeça, a fotofobia, etc., e permitindo-lhe maior repouso.

Deve haver da parte do doente o maior asseio, as roupas da cama devem ser mudadas a meudo, deve-se fazer a desinfecção de todos os utensílios que o doente usa diáriamente, reservando-os só para êle e desinfectando-os devidamente pela fervura ou escaldando-os em água quente.

Os vasos de que o doente se serve para as suas necessidades devem ser lavados e desinfectados com creoline ou qualquer outro antiseptico como por exemplo o sublimado, e do mesmo modo os escarradores.

E' sobretudo importante manter a desinfecção das cavidades naturais, como a bôca, a garganta, os ouvidos, o nariz e as conjuntivas.

Outra medida das mais importantes é o isolamento, que tem a dupla vantágem de lhe permitir um certo repouso, subtraindo-o ás numerosas visitas quási sempre importunas, e por outro lado subtraindo-o aos perigos do contágio, evitando assim que os que o cercam fôssem contaminados e pudessem trazer o virus, fazendo sementeira dêle para onde quer que fôssem. E' esta uma medida importante que poucas famílias tomam apesar da insistência do clínico nêsse sentido, como tantas vezes temos tido ocasião de vêr, e daqui resulta a rápida difusão do mal, não só pela tamília, mas pelos vizinhos.

Só duas pessôas devem acercar-se do doente, o medico assistente e a pessôa de família que se encarrega do tratamento, e qualquer deles após o seu contacto com o doente deve desinfectar-se devidamente, evitando assim que venham distribuir áqueles com quem lidam uma doença grave que lhes pode ser fatal.

Terminada a doença ou no caso de falecimento do doente, deve ter-se o máximo cuidado na desinfecção do quarto onde esteve o doente, incluindo a cama, a colchoaria, as roupas, os moveis que por ventura ali tenham estado e que não devem ser nunca senão os indispensáveis, mas isto não pertence já própriamente á família, porque todo o clínico tem o dever de requisitar a desinfecção quando se tenha declarado em qualquer parte um caso de doença infecto-contagiosa.

E' claro que durante a convalescença o doente necessita ainda de ser devidamente cuidado e isto sobretudo com o fim de evitar as recaídas tão frequêntes e também certas complicações que podem aparecer tardiamente.

Dr. Medina de Sousa.

****

Ensino técnico

Conforme já noticiaram os diários, foi entregue no sábado 18, no Ministério da Instrução, a representação para a creação duma Escola Comercial na parte ocidental de Lisboa.

Parece haver dificuldades na obtenção dêste melhoramento, devido á crise económica.

Oxalá as instâncias superiores se compenetrem da justiça da pretenção.

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES
Serralharia - Forjas - Caldeiraria
Soldadura a autogénio
R. D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)
TELEFONE BELEM 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitôres de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde êste jornal pode sêr adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motôres e máquinas de vapôr e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA—Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE

LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.DA

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos, louça branca e vermelha — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda, e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços rasoaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Quimico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.mos Srs. Drs.
VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.as feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.as feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222—LISBOA—Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.DA

Travessa da Bôa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mêsa

LICORES E TABACOS

Pensemos no dia de amanhã

(*Continuado da página 1*)

A razão não é essa. A única e a mais axiomatica razão, é que o nosso povo não está devidamente preparado para isso, e,... *deixa correr o marfim,* como soe dizer-se.

Nós conhecemos muitos chefes de família numerosa, que nunca pertenceram a qualquer associação de socorros mutuos.

Afóra uma ou outra agremiação operária com intuitos de previdencia, o resto... nada vale.

O momento próprio para se falar nêste importante assunto, julgamos chegado.

E' preciso que o Estado na sua Constituição Politica, dignificando o lar, auxilie a iniciativa particular no assunto PREVIDENCIA POPULAR.

Nada de esmolas aos velhos. Nada de esmolas aos inválidos. Que os velhos e inválidos tenham os seus subsidios adquiridos, não por esmolas, mas sim por comum acôrdo entre o Estado e o povo.

Que os novos se lembrem constante e permanentemente, que pela ordem geral das coisas, deverão chegar a velhos.

Que os cidadãos válidos hoje, se lembrem de que poderão tornar-se inválidos.

Eduquemos o povo, falemos-lhe ao coração, despertando-lhe sentimentos nobres e humanitarios, que êle possue, mas que... estão adormecidos.

Tenhâmos sempre presentes o lindo e bem verdadeiro pensamento de Victor Hugo: «O futuro é um edificio misterioso que levantamos na terra com as próprias mãos, e que mais tarde deverá servir-nos a todos de moradia».

SECÇÃO POÉTICA

ESFINGE

Transparece a ternura no teu rosto,
Numa bela expressão de querubim,
Mas eu julgo que vives com desgôsto,
Cheiinha de tristeza sem ter fim.

Tenho pena de ti,—nem sei porquê —,
Pois às vezes sorrindo vagamente,
Toda a gente que o teu sorriso vê
Nota que ris mas bem amargamente.

Terás razão, pequena, em ser tão triste
Descrendo desta vida sem valor,
Onde apenas um só fanal existe
Que tudo dulcifica e que é: AMOR.

Mas tu renunciando nêste mundo
A votares êsse afecto sem igual,
Lá sabes que pesar grande, profundo,
Te faz viver, sofrendo por teu mal.

Terás acaso mêdo de bem qu'rer
A quem te venerar com afeição ? !
Ou pretendes mulher, enfim, morrer
Sem mostrares a alguém dedicação ? !

Tal não admito, sei que amas alguém,
Embora isso me custe acreditar,
E se finges assim é que convém
Os outros iludir p'ra um amar!

Alexandre Filipe Settas.

ALFAIATARIA AJUDENSE
DE
MANOEL PINTO ESTERRO
Calçada da Ajuda, 127 - LISBOA - Telefone B. 184

O proprietário desta Alfaiataria, no benemérito intuito de facilitar ás classes pobres a acquisição de bons fatos, sobretudos e gabardines, previne o Público de que resolveu vender todo o seu vasto stock de optimas fazendas nacionais e estrangeiras, pelo preço da fábrica, e algumas, até, mais baratas que o preço do custo Deve, pois o Público, aproveitar esta excepcional ocasião de adquirir bons fatos, sobretudos e gabardines.

A AJUDA

de outros tempos

Prosseguindo na enumeração de várias figuras que de si deixaram memória nos sítios da Ajuda, não vem fóra de propósito citar o nome de Manuel José Guedes de Horta e Silva, boticário e muito conhecido fabricante de graxa para o calçado.

Em todo o país tinha largo consumo, aproximadamente ha setenta anos, a graxa do Horta e Silva, em pequenas caixas de fôlha quadradas, e com um rótulo vermelho onde se destacava o número 68, pois que era êsse a número da porta do seu estabelecimento na Calçada da Ajuda, quási em frente da Rua da Bica do Marquês.

Mas não só pela enorme difusão do seu especial produto, que tão bons proventos lhe dava e tanto fazia brilhar os pés dos cidadãos portuguêses, o Horta e Silva era conhecido. Dotado de um espírito alegre e gracejador, a vivesa da sua conversação salpicada de anedotas a propósito de qualquer assunto, dava-lhe uma notoriedade que á botica atraía os moradores do sítio.

Ninguém lograva conservar-se sisudo junto dêsse boticário que tinha para os padecentes do figado melhor cura nos seus ditos picarescos do que nas tizanas que preparava e vendia.

E quando a série de *partidas*, que estava sempre pronto a fazer, azedava o espírito dalgum simplório caído sob a sua verve inesgotável, o Horta e Silva não recorria aos calmantes para lhe atenuar a excitação; no seu bom humor encontrava alguma graça inédita que obrigava a vitima a rir... e tudo acabava em bem.

Entre as várias anedotas que a respeito dêle se contam, ha uma que julgamos interessante reproduzir aqui.

Um dia entrou-lhe no estabelecimento um saloio, dos que nêsse tempo acompanhavam á cidade as caras-metades, para as ajudar a fazer a distribuição da roupa lavada ás freguêsas. E convém acentuar que os saloios de então, com uma ingenuidade muito primitiva a condizer com a jaleca de briche, o barrete de borla e as botas de *simonte*, não se pareciam absolutamente nada com os de hoje, que já usam gravata de sêda e discutem política internacional.

O saloio pediu um vintém de malvas.

— Verdes ou sêcas? — preguntou o Horta e Silva.

— Dê-me *vomecê* das que forem mais baratas, que é p'ra fazer um cosimento pr'a o raio do macho.

— Então, das verdes. Porque, das sêcas, não lhe posso vender cada vintém por menos de meio tostão.

— Pois vá la das verdes.

— Está bem.

E, pegando-lhe pela manga da jaqueta, o boticário levou-o até á porta e apontou-lhe as malvas que espontâneamente cresciam defronte da loja, junto dum muro do antigo palácio do Marquês de Pombal, nessa época pertença do Conde de Bomfim, e acrescentou:

— As verdes tenho-as ali. O amigo vai apanhando... até eu dizer: basta!

O saloio não fez a mínima objecção. Atravessou a rua e curvou-se a arrancar as malvas, esperando a ordem de cessar a tarefa. Mas a ordem não vinha. O boticário, entretido a pisar linhaça num almofariz, fingia têr-se esquecido dêle, e o pobre homem já nos braços não podia suster a enorme mólhada de ervas.

De repente, o Horta e Silva, numa voz agreste, gritou-lhe da porta:

— Basta! basta!... Você apanhou me distraído... e por um pouco não leva as malvas todas. Que tal está o atrevimento!... Ora traga isso tudo para aqui.

E quando o papalvo arriou dentro da loja o montão de ervas que tivera a canseira de colhêr, o boticário deu-lhe apenas meia duzia daquelas plantas, e, ao guardar na gaveta o vintém do saloio, emquanto êste saía açodado e comprometido pela reprimenda, ainda dizia:

— Que tal está o maroto!... Então!... não queria as malvas todas por um vintém!..

Um frequentador assíduo da botica do Horta e Silva, e também alvo das suas constantes troças e *partidas*, era o Jaime José Ribeiro de Carvalho, «popular autor dos diferentes originais opúsculos de moral e higiene», que, nascido em Belém no ano de 1827, segundo êle afirma na sua auto-biografia, «seguiu sempre o caminho da bôa moral e bôa educação, conforme recebeu de seus pais e dos seus mestres; mas sempre filósofo em tudo muito sem cerimónia».

Alguns dos nossos leitôres o terão conhecido, como nós o conhecemos, alto e sêco, bigode curto e a pêra em leque, encavalados no nariz uns óculos de vidros oblongos, o cabelo rente sob um chapéu redondo de pequeníssimas abas, e vestindo umas calças justas e debruadas em baixo a galão.

Era filho dum antigo serventuário de D. João VI, nomeado mais tarde almoxarife do Paço da Ajuda.

Jaime José assentou praça em 1847, não para seguir a vida militar, porque êle o afirma — «Jaime tinha nascido para seguir as letras da sua pátria», e dois anos depois, em conseqüência dos ataques epilepticos de que sofria, teve baixa pela junta.

Foi então que mais afanosamente se dedicou ao estudo, convencido da sua disposição especial para a literatura, em que alcançaria a maior glória.

Ele o manifesta quando escreve: «assim se preparou Jaime com os seus trabalhos teóricos que de novo estudou, para se colocar em 1861 na alta e honrosa posição de escritôr público, com o seu primeiro opúsculo que escreveu e publicou, que foi logo esgotada a dita primeira edição em pouco tempo».

E tão certo estava de ter atingido o supremo grau na literatura portuguesa, que era vulgar ouvir-lhe dizer:

— De Alcântara para cá existem dois escritôres notáveis: um é o Alexandre Herculano, que afinal não passa dum copista: *o outro sou eu!*

No seu livro publicado em 1873, e que temos presente, intitulado: — *Instrução de moral, resumida de um pequeno volume de moral, feita conforme a descrição do autor, oferecida á infância para as bôas regras de moral, e útil a qualquer pessôa que se entregue á leitura* — diz êle:

«Escreve Jaime pela imprensa desde 1861, e tudo quanto tem escrito tanto nos seus opúsculos, como pela imprensa periódica, é tudo original como se tem sempre visto. Tem tido Jaime em tôda a sua carreira literária de escritôr público sempre uma grande guerra dos seus inimigos de gravata lavada.

«Em Ajuda e em Belém, é aonde Jaime tem mais inimigos, que Jaime lhe chama espinhos que a literatura traz sempre consigo causados pela inveja dos outros não poderem avançar aonde Jaime avançou na carreira literária pela imprensa, e de verem Jaime colocado em uma posição alta de escritôr público aonde os ditos desgraçados dos inimigos de Jaime não poderão chegar; mas nada têm feito os desgraçados dos inimigos de Jaime; porque a posição de escritôr público original não se dá, nem se compra, nem se pode tirar.

«Tem os inimigos de Jaime dito tudo quanto se têm lembrado, com o fim de verem se deitavam Jaime por terra; mas nada também têm podido obter; pois não tem havido nada que não se tenham lembrado de dizer, com o fim de desacreditar Jaime, e meterem Jaime a ridiculo, mas nada têm feito nem fazem; mas Jaime tem-lhe dado sempre bôas tosas pela imprensa, que os tem derrotado.

«Tem Jaime levado sempre toda a grande guerra, que os miseráveis desgraçados dos seus inimigos lhe tem feito, com grande presença de espírito, e tem sempre ido seguindo a sua carreira literária pela imprensa para diante, que se acha hoje na elevada posição de escritôr público, cheio de glória e de regosijo de chegar a poder ser útil á humanidade, que foi para que o alto Deus, criador do mundo e de todo o género humano, o colocou nêste mundo aonde todos vivemos durante o tempo que o mesmo Criador determina, foi para Jaime seguir as letras da sua Pátria que o viu nascer».

Dizia-se que a Casa Real concedia ao Jaime José uma pequena pensão e a casa em que habitava, no Pateo das Cosinhas. Mas morou também num prédio da Calçada da Ajuda, onde noutro andar existia uma parteira que na porta pusera o emblema indicativo da sua profissão. Quando alguém, ao escrever ao Jaime, punha no endêreço a indicação: *Cruz na porta*, era isto para êle motivo de grande arrelia.

No seu testamento o Jaime José dispôs que queria descer á sepultura levando numa das mãos um livro e na outra uma pêna de pato, certamente para que, ao transpôr as portas da eternidade, não houvesse duvidas sôbre qual tinha sido na terra a sua alta missão.

Pobre Jaime José!... Afinal, a mania de se tornar célebre nas letras é mal que tem atacado muita gente bôa. Com essa mania nunca o Jaime fez mal a ninguém, e se não atingiu a almejada glória, nem conseguiu reformar o mundo com os conselhos sôbre moral e higiene, pelo menos com o estilo destrambelhadamente original dos seus escritos fez rir os contemporâneos.

Ha por aí tanto doido mau!...

Alfredo Gameiro.

Favorita Ajudense
DE
J. J. CAETANO
Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Roupária e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

Farmácia
SOUSA
C. da Ajuda, 170
Telefone B. 329
Consultas médicas diárias pelos Srs.
Carrilho Xavier ás horas
Medina Sousa ás horas
Serviço nocturno ás sextas-feiras

Gráfica Ajudense
TIPOGRAFIA
PAPELARIA
confecções de
Tabacaria
Perfumaria
Livraria
Artigos Escolares
Calçada da Ajuda, 176
TEL. B. 329

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.DA
OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO
Travessa de Paulo Martins, 18
AJUDA — LISBOA
TELEFONE BELEM 517

Encadernações simples e de luxo, taes como:
livros á antiga, amador
e escrituração comercial
Copiadores, caixas e pastas para arquivo.
Armam-se pastas de fantasia e bordadas
Envernisam-se mapas

Nova Padaria Taboense
DE
ANTÓNIO LOPES MARQUES
Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas
Rua das Mercês, 118 a 128
AJUDA — LISBOA

Uma carta de aplauso

Sr. Director de «O Comércio da Ajuda»:

Chegando-me ás mãos o n.º 15, de 16-4-32, do «Comércio da Aiuda» deparei com um artigo do meu conhecido sr. Agostinho António, aonde convidava todos os paroquianos a darem todo o seu apoio ao mesmo, e incitando coragem aos homens que actualmente o dirigem a prosseguirem na sua obra sem um unico desfalecimento.

Desconhecia por completo a existência dêste nosso baluarte, não porque seja retrogado ao progresso ou ao bem estar da humanidade, mas sim porque a minha profissão consiste em estar tempos indeterminados ausente de Portugal, ficando assim demonstrada a minha ignorancia acêrca da já existência do mesmo, bem como de todos os magnos problemas que já tenham sido focados.

Como nunca é demais o abordar-se os mesmos problemas enquanto êles não forem solucionados, três ha que são da maior importancia para a freguesia:

Primeiro a falta de habitação, segundo o desemprêgo e terceiro a falta de água.

Conversando ha dias com alguns amigos acêrca da grande crise que nós atravessamos, e ao grande numero de desempregados que existe na freguesia, e como iam ser adjudicadas as obras a uma empreza, para a conclusão das mesmas obras do bairro das casas económicas, eu tinha alvitrado que se nomeasse uma comissão para tratar junto da mesma empreza, para que só admitisse os nossos paroquianos desempregados.

Volvidos dias soube que a mesma empreza tinha feito justamente o que eu tinha pensado.

Ora casos dêstes enobrecem a quem os pratica, e endereço toda a minha admiração e respeito aos dirigentes da citada empreza.

Bem sabemos que será impossivel o empregar-se todos os sem trabalho que existem na freguesia, e que mesmo com a conclusão do mesmo bairro, também não fica solucionado o problema de habitação.

Por isso era de toda a conveniência que se faça sentir ás entidades competentes, para que se leve também a cabo o tão decantado Bairro Social d'Ajuda, que se principiou, e que para mal dos nossos pecados nem uma habitação sequer se construiu; além dêste temos os Telheiros d'Ajuda que bem divididos também se fariam umas bôas habitações; não temos um jardim, não temos um lavadouro capaz, apenas existe o que toda a gente conhece, aquela porcaria atraz do chafariz.

Uma vez assim com a conclusão dêstes trabalhos teriamos resolvido em parte o desemprêgo e o da habitação e acabava-se com êsse vergonhoso e horrivel espectaculo dos Bairros da Lata e Minhocas, e tantos outros que para aí existem, pois não faz sentido que no século vinte, hajam tantas famílias que vivam em autenticas pocilgas, na maior das promiscuidades, como acontece áquela família, segundo nos contaram, que vive numa barraca (se barraca se deve chamar) sita na Rua Aliança Operária.

Casos dêstes não podem passar sem o nosso protesto, porque é uma das freguesias que conta um bom numero de habitantes, e que infelizmente tem falta de tudo como toda a gente sabe.

E se o meu fraco prestimo servir, desde já me ponho incondicionalmente ao dispôr dos interesses desta malfadada freguesia.

José Carlos Nunes.

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitôres de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde êste jornal póde sêr adquirido gratuitamente:

ABEL DINIZ D'ABREU, L.DA

PADARIA

Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA

TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.ª (F.º)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto

Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

AGENCIA FUNERÁRIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

Festa interessante

Promovida pela Federação Distrital das Sociedades Populares de Educação e Recreio, realisou-se no pretérito domingo uma encantadora festa na séde da Sociedade Filarmonica Alunos de Harmonia, ao alto de Santo Amaro.

Tratava-se de receber a visita do ilustre chefe do Estado, que quando da festa do Dia das Sociedades de Recreio prometera visitar na devida oportunidade, uma dessas Sociedades.

Sua Ex.ª foi recebido com as honras devidas ao seu alto cargo, e em uma sessão solene, teve ocasião de ouvir sinceras palavras de saudação á Pátria e á Republica. O ilustre Secretário Geral da mesma Federação num vibrante e magistral discurso frisou a necessidade de as Sociedades de Recreio serem devidamente auxiliadas pelo Estado, visto exercerem uma grande influência na educação fisica, moral e intelectual do nosso povo. Finda a sessão solene, na qual foram proferidos belos e bem oportunos discursos, foi feita a distribuição de prémios aos alunos da Escola Primária da Sociedade Alunos de Harmonia, e o sr. General Carmona inaugurou a exposição dos trabalhos escolares, tendo assistido depois a um interessante acto de variedades que decorreu com grande brilhantismo.

Depois da saída do sr. General Carmona, que se fazia acompanhar pelo sr. Presidente do Ministerio e Director da Assistencia Publica, realisou-se um interessante copo de água de confraternisação entre os vários delegados das Sociedades de Recreio, no qual foram proferidos discursos da mais alta importância para a vida associativa, e comunicado que o Ex.mo Presidente da Republica ia condecorar com a Ordem de Benemerencia as Sociedades de Recreio «Alunos de Harmonia» e «Os Combatentes».

A interessante festa terminou com vibrantes vivas á Pátria, á Republica e ás Sociedades de Recreio.

O nosso jornal, gentilmente convidado pela Federação, fez-se representar pelo seu Director.

Esse número foi visado pela Comissão de Censura

Mais uma reclamação

Pedem-nos os moradores da Travessa da Madre Silva, na parte compreendida além da Rua Brotero, que chamemos a atenção do digno chefe da esquadra de policia da Ajuda, para o facto de raras vezes ali aparecer um guarda, o que tem contribuido para que o rapazio empregue o seu tempo no jogo da bola, pedradas e coisas parecidas. Queixam-se tambem de que na Rua Brotero, á esquina da mesma travessa, existe ha bastantes anos um tapume cercando um prédio onde houve um incendio, hoje transformado em depósito de lixo e doutros dejectos de toda a natureza. Aos ex.mos Chefe Andrade e Delegado de Saúde pedimos as necessárias providencias, que por certo não tardarão.

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.

MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117
R. da Junqueira, 293-B a 293-D
Calçada da Tapada, 47 a 53
Calçada da Ajuda, 212 a 216
Calçada da Ajuda, 154 a 156
Largo 20 de Abril Calvário, 1

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.as Reunidas Gaz e Electricidade

Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552

onde serão atendidos com a máxima urgência

MERCEARIA CONFIANÇA
DE
João Alves
CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97—LISBOA
Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade
Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

Fala o lugar da Cruz das Oliveiras

O lugar da Cruz das Oliveiras está abandonado de tudo e de todos
Falta-lhe uma escola. Não tem água nem iluminação

Na nossa tarefa de averiguarmos quaes as necessidades dos habitantes da nossa freguesia, fizemos mais uma peregrinação, na qual ouvimos e presenceámos muitas e muitas coisas, para que chamamos a atenção das entidades competentes.

Guiados pelo grande amigo dêste jornal, sr. Francisco Duarte Resina, e sr. Jorge Pinto, homem bom e muito prestável, lá seguimos Calçada do Galvão acima, em direcção ao Largo do Cemitério da Ajuda.

A Calçada do Galvão está quási intransitável. O seu piso e insuportável e vergonhoso. Em alguns pontos, a erva está tão crescida, que mais parece um campo experimental de agricultura. O redondo, onde outrora as carruagens esperavam os fidalgos, é uma estrumeira, que nos vexa e nos deprime aos olhos de quem ali passa.

Chegados ao Largo do Cemitério, vimos o pôço que está em construção. Bôa medida administrativa, mas .. que não dará o resultado desejado, visto o sistema de fazer subir a água, ser dos mais antiquados, dos mais rudimentares, e absolutamente impróprio para serviço do nosso povo. Aquele sistema de elevação da água, deve dar resultado em casas particulares, mas nunca poderá ser adaptado a uso do publico.

Mas... tinhamos ainda muito que andar, e... lá seguimos para a Cruz das Oliveiras.

O trajecto é encantador ! O panorama que se disfruta é surpreendente, dos que nunca mais se esquecem. Que bons e saudáveis bairros operários que ali podiam ser construidos !!! Ah, que se houvesse iniciativa em Portugal !!!

Na Cruz das Oliveiras, fômos visitar o logar onde se encontram os alicerces do predio já ha muito tempo destinado a uma escóla primária.

E' um vasto terreno, situado num ponto muito arejado e com todas as condições exigidas. E' um autentico sanatório.

Os nossos Resina e Jorge Pinto, dois autenticos carolas em tudo que se prenda com educação e instrução do povo, mostraram-nos a planta do edifício projectado. Que pena ser um simples projecto !!! Como seriamos imensamente felizes se êsse simples mas bem sugestivo projecto se transformasse numa risonha realidade!!!

Alguns moradores daquele logar, aproximaram-se de nós por espírito de curiosidade, e quando compreenderam do que se tratava, procuraram intrometer-se na nossa conversa. — O' meu senhor, dizia um dêles, a escóla faz-nos bastante falta. As criancinhas andam abandonadas por completo. A escóla mais perto fica a mais de 4 quilómetros. Já houve aqui uma escóla ha muitos anos. Teve sempre muitos alunos; mas um dia... o azar entrou com o povo da Cruz das Oliveiras e... tudo desapareceu. Mas não é só a escóla que nos faz falta. Falta-nos quási tudo. Não temos água nem luz. Antigamente mandavam-nos 2 pipas de água por dia, e acendiam-nos uns candeeiros de petroleo. Hoje, nem nos mandam água, nem nos acendem os candeeiros. Se não fôsse a bondade do pessoal do pôsto rádio morreriamos á sêde. Vivemos peor do que os pretos em Africa. E ainda ha quem queira dizer que isto pertence a Lisboa.

Ficámos boquiabertos com tantas e bem amargas verdades, e muito a mêdo preguntámos quantas crianças andariam na escóla. — Muitas, meu senhor. E hoje ha muitas mais. São perto de 200.

Horrorisados com o que ouviramos, seguimos o nosso caminho, depois de garantirmos a êsses bons homens que a Camara e o Governo não se esqueceriam do povo da Cruz das Oliveiras.

Mais adiante. Um pouco mais de marcha, e chegamos ao Pôsto Radio-Telegráfico de Monsanto, êsse modelar estabelecimento do Estado, que pela sua organisação, e fórma como é dirigido, desmente os taes papos-sêcos sifilisados, que não se fartam de bradar que o Estado é incompetente para administrar qualquer estabelecimento importante.

O Posto Radio-Telegráfico de Monsanto, é uma glória para Portugal. E' um constante e permanente desmentido a todos os defectistas, a todos os derrotistas. Desde o seu ilustre Director, até ao mais humilde marujo ali em serviço, todos capricham em bem servir a Pátria.

Mas que teriam êsses diabos de fazer no Posto Rádio? — preguntarão os nossos leitôres.

Bastante, queridos leitores. E' que souberamos que os ilustres 1.º e 2.º Comandantes daquele importante estabelecimento do Estado pretendiam obter que Sua Ex.ª o Ministro da Instrução colocasse uma escóla primária mixta no logar da Cruz das Oliveiras, afim de ser ministrada instrução e educação a tantas crianças ali existentes.

E dêsde que sabiamos haver boas vontades e intenções patrióticas, nós gostariamos de ouvir a opinião e desejos dêsses homens, que modestos, quási em demasia, sabem captivar os seus concidadãos.

A' hora marcada, estavamos anunciados ao Ex.mº Comandante Pires da Rocha, que nos recebeu galhardamente, como todos os marinheiros.

Dissemos ao que iamos. S. Ex.ª, alma franca, português de lei, mostrou-se muito reconhecido pelo nosso gesto, e, conversando conosco, descreveu as «demarches» que já tinham feito no sentido de ser criada uma escola na Cruz das Oliveiras.

—Existem aqui 156 crianças em idade escolar, e que pela distancia das escolas mais próximas não podem receber a sagrada luz da instrução. Só do nosso pessoal, são elas bastantes. Ora não é justo, não é humano que se negue a essas criancinhas, os homens de amanhã, os necessários e indispensáveis meios de instrução. O sr. Comandante Nunes Ribeiro e eu, resolvemos tomar a peito esta santa cruzada, e já temos o prometimento do ilustre Ministro da Instrução, de que fará o que lhe for possivel. Sua Ex.ª prometeu estudar devidamente o assunto e empregar os seus esforços no sentido de atender tão justissima petição. Olhem que só nêstes logares mais próximos ha 1 500 habitantes. A escóla é de absoluta necessidade. Falta-nos a casa própria, que por enquanto poderá servir qualquer, desde que lhe façam umas pequenas adaptações. O ideal é que a casa que já está começada, seja concluida. Será uma grande economia para o Estado, visto ter também habitação para o professor ou professora.

Mas enquanto ela não for construida... vamos pensando em arranjar uma casa que sirva. Vai ser feito o pedido oficial para a criação da escóla. Espero que Sua Ex.ª cumpra o prometido, como é lógico, tanto mais que êle tem um carinho especial por tudo quanto diga respeito á sua pasta. Nós, os marinheiros, aceitamos a colaboração de todos que nos queiram auxiliar nesta tarefa, e muito agradecemos todas as boas vontades.

Assim falou o marinheiro ilustre, que á despedida, mais uma vez, se mostrou muito reconhecido pela atitude do nosso modesto jornal.

Saimos do Posto, e novamente nos dirigimos á Cruz das Oli-

ATENÇÃO!
FATOS fazem-se desde 150$00 a 160$00, com perfeição e pontualidade, e a 180$00, com forros especiais, na oficina de
ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR.
(ANTÓNIO ALFAIATE)
Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.º, D.

Oficina de Calçado
Travessa da Memória, 62 — LISBOA
Previne-se o público e os estimados freguezes que os preços actuais são os seguintes:
CALÇADO PARA HOMEM — Gaspeados, 43$00; Pés novos, 42$00; Solas, 22$00; Meias solas e viras, 21$00; Meias solas, 17$00; Capas de saltos, 4$50.
CALÇADO P.ª SENHORA — Gáspeas de vitela ou verniz, 29$00; Solas, 16$00; Meias solas, 12$00; Capas de saltos, 2$50.

Salão Portugal

CINEMA SONORO

Emprezário J. NICOLAU VERISSIMO

Travessa da Memória — Ajuda

TELEFONE BELEM 124

Sábado 25 ás 21 horas **Domingo 26**

Exibição do magnifico filme de emoção, falado em espanhol

MR. WU

Exibição da interessante comedia sonora, com Joan Crawford, Rod La Rocque, Douglas Fairbanks Jr. e Josephine Dunn

MOCIDADE ARDENTE

PEQUENOS PAPÁS — Filme cómico sonoro

NO DOMINGO: Matinée ás 2 h. da tarde

com os excelentes filmes mudos

Preconceitos — Polo Detective Amador — Pequenos Papás

Dia 27 { LAUREL E HARDY A FERROS / HOMENS DE FERRO, com Lon Chaney

Dia 30 { ALMA ANDALUZA (Filme falado em espanhol) / NADA DE TIROS, com Tom Mix

Dias 2, 3 e 4 { PAMPLINAS EM PIJAMA / EM PLENA SELVA, com Lon Chaney

Dias 5 e 6 — ATLANTIC

Dia 7 — DUPLA VICTORIA

Dias 9 e 10 — MADAME SATAN

Este salão é o mais fresco e ventilado da parte ocidental de Lisboa, conservando, mesmo com a lotação esgotada, uma temperatura agradabilissima.

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa

veira, onde conseguimos apurar que existe uma casa própria para servir de casa da aula.

Os habitantes daquele logar, mostraram-se muito satisfeitos com as noticias que lhe demos, e não se cançaram de dirigir elogios a êsses bravos marinheiros, que tão amigos são do povo.

E nós, retirámos em ordem. E todo o caminho viemos a pensar na desdita dos habitantes daquele logar. Não têm luz, não têm água, e não podem mandar os filhinhos á escola. Que grande desgraça.

Pois bem. Como todos os males têm remédio, ousamos pedir a atenção das entidades competentes para êsses factos. Estamos certos de que êles serão tomados na devida consideração. Que querem êsses homens? Que construam um edificio para a escola, para o que já ha terreno, já estão feitos os alicerces e já ha a quantia de 2.000$00 em depósito. Que lhe criem a escóla, para o que se poderá utilisar uma casa existente naquele logar, e que em tempos serviu para o mesmo fim. Que lhe forneçam água o que será fácil, visto haver água canalisada até ao forte, e que lhe forneçam a luz indispensável.

O logar da Cruz das Oliveiras tem estado abandonado por completo de tudo e de todos, e justo é que seja atendido nos seus pedidos justissimos.

Quando chegámos a casa, ainda traziamos nos ouvidos a suplica dos pobres habitantes da Cruz das Oliveiras. — O' meu senhor peça ao senhor Governo e á senhora Camara que não se esqueça de nós.

E como essa boa gente nós diremos: Ex.mo Ministro da Instrução, Ex.ma Camara Municipal e Ex.ma Junta de Freguesia, ouvi as suplicas dos habitantes da Cruz das Oliveiras, e atendei as suas petições, que são justas, são humanas e são rasoáveis.

****

EXAMES

Concluiu o 6.º ano do curso dos liceus o sr. António Duarte Resina, filho do falecido comerciante do mesmo nome e sobrinho do nosso anunciante e querido amigo sr. Francisco Duarte Resina.

Também concluiram o 1.º ano os meninos Manuel e Carlos, filhos do comerciante sr. José António, falecido no dia 1 do corrente mez, como noticiámos.

A todos os nossos parabens.

****

SALÃO PORTUGAL

Realiza-se na próxima terça-feira, nêste Salão, uma interessante festa promovida pelos srs. Antonio Loureiro e Manuel Pinho, respectivamente bilheteiro e fiscal.

O programa, consta, entre outros, do filme «O Despertar» e um grandioso acto de fados, em que tomam parte, além dos elementos já anunciados, Victor Daniel, a cantatriz Ercilia Costa, e o guitarrista Georgino de Sousa. Poucos bilhetes restam aos promotores.

DESPORTOS

Football

Para a segunda meia final do Campeonato de Portugal, efectuam-se amanhã os seguintes jogos:

No Porto — Benfica-F. C. Porto.

Em Lisboa — Belenenses-Barreirense, ás 17 horas, no Estádio.

Ping-pong

O Ajuda-Club vai instituir, para ser disputada entre as equipes não apuradas para o torneio final da Taça Fundação, uma artística taça a que vai dar o nome de Sebastião Carvalho, como homenagem postuma áquele falecido consócio, inditoso filho do nosso amigo sr. António Ricardo de Carvalho.

Tiro aos pratos

No Moinho Encarnado, realiza-se amanhã, 26, um torneio de tiro aos pratos para disputa das taças «António Wenceslau de Barros» e «Coronel Gouveia».

A primeira, que é disputada entre os frequentadores da farmácia Mendes Gomes, encontra-se em poder do distinto atirador sr. Henrique Peters, que no passado dia 5 a conquistou temporáriamente.

****

ANISTIA

A pedido da direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, por intermedio do Sindicato da Imprensa Portuguesa, publicamos o seguinte

AVISO

Aos combatentes licenceados

«Pelo decreto n.º 21.140, publicado no *Diário do Govêrno* n.º 95, 1.ª série, de 22 de Abril de 1932, foram anistiados os combatentes da grande guerra, a quem tinham sido aplicadas multas, por falta de comparencia à revista de inspecção»

Que todos os combatentes incursos aproveitem do esforço da Liga em prol dos combatentes, regularisando a sua situação militar.

****

JOAQUIM PIRES ROSENDO

Continua bastante doente o nosso presado camarada Joaquim Pires Rosendo, dedicado director do nosso colego «Ecos dos Anjos».

Desejamos-lhe as suas rápidas melhoras.

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres

Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros ---- Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

SAPATARIA BARROSO

DE

António Gomes Barroso & Irmão

Acaba de receber os últimos modêlos de calçado para homem, senhora e creança, que vende a preços limitadissimos

Concertos e calçado por medida, por possoal habilitadissimo.

Saldos de magnifico calçado, quasi de graça.

104, C. da Ajuda, 108 — 57 R. de Belém, 59

TELEFONE BELÉM 150